

CONSOLADOR

Comunidade Espírita Cristã

Ano 14 • nº 49 • Jan / Fev de 2023

Distribuição gratuita

CONSOLADOR
JUBILEU - 50 ANOS DE FUNDAÇÃO

12 DE JANEIRO DE 1973

O Consolador - Comunidade Espírita Cristã surgiu pela mediunidade de Dona Yvonne do Amaral Pereira que intuída pelo espírito Dr. Bezerra de Menezes, orientou nosso atual Diretor Doutrinário, o prof. Gerson Sestini, com relação aos compromissos firmados pela espiritualidade, quando ele a procurou para uma orientação espiritual.

Segundo Dona Yvonne, o Bairro de Copacabana, onde o prof. Gerson ainda reside, na época era carente de Casas Espíritas e seria oportuno a fundação de uma nova instituição, em um trecho específico do bairro que, segundo Dona Yvonne, necessitava de um foco de luz, esclarecimento doutrinário e consolação moral; ainda, segundo ela, uma grande quantidade de necessitados seria direcionada para essa instituição ao longo dos anos em busca de ajuda moral e material.

O objetivo da fundação do Consolador era dar oportunidade de estudo e trabalho para médiuns e frequentadores, assim como dar acolhimento aos que buscavam ajuda, nos dois planos da vida, material e espiritual, através do atendimento fraterno aos encarnados, assim como no trabalho de desobsessão para despertamento e esclarecimento dos desencarnados, encaminhados pelos mentores da Casa à *Reunião de Socorro Espiritual*.

O objetivo era franquear oportunidade de atendimento assistencial às pessoas necessitadas das comunidades vizinhas tais como auxílio material com cesta básica, “auxílio jurídico gratuito e tratamento dentário, naquele momento”, e também atendimento fraterno.

O setor social era realizado pela Casa de Sheila que na época ficava em Ipanema à rua Visconde de Pirajá próximo à praça General Osório.

A ideia central da fundação do Consolador residia em reunir no plano físico, espíritos com compromissos semelhantes, que desejassem superar suas dificuldades através do estudo doutrinário e da prática



Atual sede do Consolador em Copacabana

do amor ao próximo, exercendo a caridade dentro dos padrões que a Instituição poderia oferecer e ao mesmo tempo colocar em prática o conhecimento aprendido, através do acolhimento aos assistidos e necessitados, tanto do plano físico, como do plano espiritual.

Este processo ainda ocorre nos dias de hoje, após meio século de trabalho em prol do bem. Reconhecemos que o compromisso firmado chegou aos dias de hoje, para que os novos trabalhadores possam dar prosseguimento a obra, comprometendo-se com as diretrizes

espirituais da Casa.

Acreditamos que os antigos companheiros que nos antecederam, encontram-se trabalhando nos bastidores espirituais da Casa, realizando a retaguarda e nos dando suporte para o trabalho no plano físico, tarefa essa com a qual nos comprometemos previamente antes de reencarnar.

O nome da Casa Espírita não foi escolhido por mero acaso: uma Casa de Oração, uma Escola, uma verdadeira Oficina de Aprendizagem, onde conhecemos a máxima que o Espiritismo nos tem a oferecer, quando diz, que o Consolador Prometido por Jesus

“Consola, Esclarece e Liberta”.

Eder Andrade

O ESPIRITISMO TEM DOGMAS?

A palavra dogma tem várias acepções. Ao relacioná-la às seitas cristãs, vemos logo à mente os artigos de fé da teologia medieval, que eram impostos aos crentes conduzidos pela fé cega. Atualmente, tal atitude ocasiona enorme perda de fiéis nas religiões que insistem em mantê-los em suas doutrinas, principalmente aqueles que são fantasiosos, vetando análises à luz da lógica e da razão.

No entanto, temos outras acepções à palavra dogma. Em filosofia seu significado vem de opinião, postulado, algo que se refira a princípios como: verdade explícita, fundamento ou ponto capital de qualquer sistema ou doutrina, conquanto inquestionável na maioria das religiões. Mas tal não acontece no Espiritismo.

Na questão 222 de “O Livro dos Espíritos”, Allan Kardec se utiliza do termo dogma referindo-se à reencarnação, crença milenar presente em

religiões orientais, tendo-a como postulado da Doutrina Espírita. De acordo com a revelação dos espíritos, as vidas sucessivas constituem o mecanismo através do qual os espíritos evoluem. A reencarnação, analisada em seus aspectos científico, filosófico e religioso é, portanto, fato comprovável, evidenciada em milhares de experiências realizadas por gabaritados pesquisadores.

Herculano Pires chamava atenção sobre o fato de alguns espíritas desavisados considerarem a palavra dogma inaceitável na Doutrina Espírita por desconhecerem suas outras acepções.

O Espiritismo não tem dogmas de fé indiscutíveis, e sim, princípios calcados na lógica e na razão, como a existência de espíritos, crença comum a todos os povos, mas, para os espíritas, realidade demonstrável e comprovável.

Gerson Sestini

AINDA NESTA EDIÇÃO

BIOGRAFIA	página 2
LIVRO DO BIMESTRE	página 3
O LEITOR PERGUNTA	página 4
CANTO DA POESIA	página 4

BATUÍRA, UM ESPÍRITA NO “SERTÃO BANDEIRANTE”

Muitos espíritas já ouviram falar em Batuíra, mas muito poucos sabem dizer quem de fato ele foi. Um personagem da história do espiritismo no Brasil, na segunda metade do século XIX. Viveu boa parte da sua vida na capital da Província de São Paulo e foi um dos precursores na divulgação da doutrina espírita no interior do país, ainda no Segundo Reinado e início da República Velha, porém muito pouco mencionado na história do espiritismo no Brasil: suas atividades são pouco conhecidas pelo público espírita em geral.

“Antônio Gonçalves da Silva”(1) era português, nascido na freguesia de São Tomé do Castelo, local que hoje faz parte do Distrito de Vila Real, norte de Portugal.



(1)

Emigrou com onze anos de idade para o Brasil, com apenas a instrução primária, juntamente com seus pais, desembarcando na Baía de Guanabara a 3 de janeiro de 1850. Permaneceu no Rio de Janeiro por três anos, onde viveu até aos quatorze anos na cidade de São Sebastião, na época capital do Império ou Município Neutro, que corresponde hoje ao atual município do Rio de Janeiro, período que

trabalhou no comércio da Corte.

Depois de algum tempo, mudou-se para Campinas na Província de São Paulo, onde ficou até se transferir definitivamente para a cidade de São Paulo, que na época não tinha uma população expressiva, embora já fosse a *Capital Bandeirante com maiores oportunidades*.

Durante os primeiros anos, foi distribuidor do tabloide “Correio Paulistano”(2). Como na época, não existiam bancas de jornais nos lugares públicos, a entrega se fazia de porta em porta e somente para os assinantes. Como entregador de jornais, fez amigos e admiradores. Correndo daqui para acolá, com agilidade e facilidade, ganhava a admiração por onde passava pelas pessoas da rua, devido ao seu espírito alegre e despachado.

Com a Proclamação da República, a imprensa trazia inovações importantes, como distribuição dos periódicos em carroças, mudando o antigo sistema de entrega dos periódicos, que era feito a pé, de casa em casa.

Antônio Gonçalves da Silva, muito ativo, foi apelidado “O Batuíra”, nome que o povo dava à narceja, ave pernalta, muito ligeira, de voo rápido, que frequentava os charcos na várzea. Parece que neste período ele aprendeu a arte tipográfica, certamente nas próprias oficinas do Correio Paulistano, tabloide cuja distribuição ele fazia.

Esse nome engraçado volta e meia chega aos nossos ouvidos, principalmente daqueles que procuram melhor se informar através do estudo e da pesquisa, apelido de um dos maiores divulgadores do Espiritismo no interior do Brasil no século XIX, que ainda hoje passa despercebido para alguns leitores e expositores espíritas.

Com bastante empenho, dedicação e economia, Batuíra também investiu na fabricação de charutos e assim, ele fazia crescer suas modestas finanças, o que acabou lhe permitindo se casar. Ele se casou duas vezes, a primeira vez com Brandina Maria de Jesus, com quem teve um filho, chamado Joaquim Gonçalves Batuíra e depois em segundas núpcias com Maria das Dores Coutinho e Silva, com quem teve um outro filho. Quando tudo parecia correr bem, a criança faleceu, quase repentinamente, o filho único com sua segunda esposa, uma criança de apenas doze anos.

Com a perda do seu único filho do segundo casamento, Batuíra levou um golpe que o desequilibrou e a sua família. Esse acontecimento contribuiu para entrar em contato com o Espiritismo, onde ele e a esposa encontraram lenitivo à dor na consoladora Doutrina dos Espíritos.

No final do Segundo Reinado, Batuíra tornou-se o agente exclusivo de distribuição do tabloide “Reformador”, na cidade de São Paulo, função da qual se encarregou até 1899 ou 1900.

Ficou tão surpreendido com a paz que passou a desfrutar, que procurou estender a todos os seus amigos e conhecidos aquela abençoada Doutrina. Imediatamente pôs mãos à obra, no desejo ardente de que outras pessoas também tivessem conhecimento e acesso àquela filosofia esclarecedora.

Batuíra era um homem de espírito humanitário e idealista, aderindo muito cedo à campanha abolicionista, abrindo em sua casa escravos foragidos e libertando-os com uma Carta de Alforria. Ele nunca negou ajuda àqueles que lhe pediam alimento ou abrigo.



(2)

Sua casa na Rua do Lavapés (*tem esse nome porque, havia ali um córrego no qual tropeiros e viajantes que percorriam o caminho de Santos lavavam os pés e descansavam antes de entrar na cidade*), era ao mesmo tempo hospital, farmácia, albergue, escola e asilo. Ele a doou para a sede da Instituição Beneficente “Verdade e Luz”, onde recolhia os doentes e os desamparados, infundindo-lhes a fé necessária para poderem suportar suas provas terrenas. Essa rua passou a se chamar “Rua Espírita”(3).

Segundo contavam, Batuíra se debruçava nos livros de



(3)

homeopatia com o objetivo de aprimorar seu conhecimento e fazer de sua mediunidade um instrumento de alívio para os necessitados. Muitos perturbados e desequilibrados, tidos como loucos incuráveis pela medicina da época, voltaram à normalidade, graças a seu trabalho mediúnico.

Sua preocupação com a verdadeira saúde dos necessitados, fez com que ele fundasse também outras agremiações e centros espíritas na Capital Bandeirante e outras cidades vizinhas e até em outras províncias como Minas Gerais e Rio de Janeiro.

Procurava estar sempre presente realizando a divulgação do Espiritismo através de palestras públicas, visitando enfermos em hospitais e distribuindo folhetos sobre a doutrina espírita.

Tornou-se um dos precursores do Espiritismo no Brasil reinaugurando o “Grupo Espírita Verdade e Luz”, onde no dia 6 de abril de 1890, diante de enorme assembleia, dava início a uma série de exposições doutrinárias públicas sobre O Evangelho Segundo o Espiritismo.

Pouco tempo depois, Batuíra adquiriu uma pequena tipografia que denominou “Tipografia Espírita”. Iniciou a 20 de maio de 1890 a publicação de um tabloide quinzenal de quatro páginas com o nome “Verdade e Luz”(4). Posteriormente foi transformado em revista e do qual foi o diretor responsável até a data de sua desencarnação em 22 de janeiro de 1909.

Desenvolveu com o tempo a mediunidade de “médium curador”, sendo centenas as curas de caráter físico e espiritual de que se tem notícia, obtidos ministrando “água magnética” (nome dado na época a água fluidificada) ou aplicando “passes magnéticos”.

Foi um personagem incomum, conhecido como o “velhinho de barbas brancas”, um notável filantropo e médium curador que nada cobrava pelas curas físicas e mentais que promovia, fossem seus assistidos pessoas pobres ou de famílias ricas. São muitas as suas histórias, onde sua atitude



(4)

altruísta, despertava a curiosidade das pessoas, numa época em que a capital da “província de São Paulo”(5) possuía pouco mais de 30 mil habitantes.

Isso sem falar nos atritos que Batuíra teve com o clero e as lideranças católicas na cidade, por conta da divulgação da Doutrina. Não podemos nos esquecer que nessa época, na década de 1880 o catolicismo era a religião oficial do Segundo Reinado e a Igreja era favorecida por um conjunto de regalias, conhecido por “regime do padroado”.

“Antônio Gonçalves da Silva”, ou simplesmente “O Batuíra”, faleceu a 22 de janeiro de 1909 em São Paulo, foi um personagem relevante do movimento espírita para a Capital Bandeirante e também no interior ou “Sertão”, como chamavam na época os tropeiros e viajantes.



(5)

Referências bibliográficas:

Wantuil, Zêus (organizador); *Grandes Espíritas do Brasil (53 Biografias)*; Ed. FEB

Quintella, Mauro; *História do espiritismo no Brasil*; (Pesquisa)

Monteiro, Eduardo Carvalho: *Batuíra - O diabo e a igreja*; Ed. Madras

Wikipédia (Enciclopédia livre)

Eder Andrade

LIVRO DO BIMESTRE INESQUECÍVEL CHICO

**Autores: Romeu Grisi e
Gerson Sestini
Editora: GEEM**

Na noite de 30 de junho de 2002, apagou-se uma luz na Terra e surgiu uma estrela no Céu: Chico Xavier.

Francisco Cândido Xavier ou simplesmente Chico foi uma das mais cativantes personalidades do século passado. Na extensa caminhada de sua existência, percorreu toda uma centúria, distribuindo amor e exemplos de caridade, renún-

cia, trabalho e dedicação plena ao semelhante. Seguiu, em toda a extensão de seu significado intrínseco, o mandamento maior que Jesus nos legou.

A simplicidade traduz em si mesma a grandeza da alma, a humildade e, de modo muito particular, no caso específico de Chico Xavier, está ela interligada a vastíssima e milenar cultura.

Havia uma particularidade no Chico que muitos que se lhe acercaram puderam observar: O perfume que dele trans-

cia, com intensidade variável e aromas diferentes. Não era perfume, em hipótese alguma, de origem terrena, elaborado com nossas flores ou com fragrância de alfazema, e sim decorrente da presença constante junto dele de espíritos iluminados, como Sheilla, que o envolviam na atmosfera perfumada a evidenciar sua estatura espiritual.

Era o perfume de sua alma!

Romeu Grisi e Gerson Sestini nos trazem neste livro sua rica e longa vivência com Chico Xavier a partir de 1948, quando ele ainda morava em Pedro Leopoldo, Minas Gerais.

Em linguagem agradável, são descritos fatos, revelações e situações inéditas, que lhe exemplificam a mediunidade e exaltam sua alma simples e magnânima.



Há no livro, por exemplo, a curiosa narrativa do encontro de seu irmão, José Xavier, com São Luiz Gonzaga, no Plano Espiritual. O santo italiano, quase que “por acaso”, passou a ser o patrono do Centro Espírita Luiz Gonzaga de Pedro Leopoldo.

Expediente

CONSOLADOR

Comunidade Espírita Cristã

Publicação Trimestral do
Consolador - Comunidade Espírita Cristã
Rua Cinco de Julho, 276 - Copacabana
www.consolador.org

Presidente: José Corni
Vice-Presidentes: Anuska de Carvalho L. Moreira, Eder Andrade
Diretor Doutrinário: Gerson Sestini
Jornalista Responsável: Vivian Rodrigues
Designer Gráfico: Gilbert Esmério Corni
Cartas para este jornal: Aos cuidados do Consolador Rua Cinco de Julho, 276 - Copacabana - 22051-030 - Rio de Janeiro - RJ

e-mail: jornal@consolador-cec.com.br

O LEITOR PERGUNTA

Respondemos a pergunta realizada por uma senhora frequentadora de nossa casa:

Além de colocarmos o nosso nome na corrente de prece, o que podemos fazer a mais, para recebermos ajuda da espiritualidade?

R: O equilíbrio que todos buscamos na Casa Espírita é uma combinação de vários elementos.

Precisamos inicialmente frequentar uma reunião pública com assiduidade, buscando orientação com o diri-

gente, prestando atenção na exposição feita pelo orador, tomando o passe ao final da reunião e também fazendo uso da água fluidificada.

Porém, existe um elemento primordial, o estudo e a mudança de conduta. Faz-se necessário promover a reforma íntima de cada um de nós, assim como a prática do exercício do amor ao próximo e da caridade em nossas vidas.

A perseverança e a nossa força de vontade vão nos ajudar no processo de transformação que tanto desejamos em nossas vidas.

CANTO DA POESIA AUTA DE SOUZA

Mãe

Ó minha santa Mãe! Era bem certo
Que entre as preces maternas estendias
As tuas mãos sobre os meus tristes dias,
Quando na Terra – que era o meu deserto.

Nos instantes de dor, bem que eu sentia
As tuas asas de Anjo da Ternura,
Pairando sobre a minha desventura
Feita de prantos e melancolia.

Flor ressequida eu era, e tu o orvalho
Que me nutria, pobre e empalecida;
Era a tua alma a luz da minha vida,
Meu tesouro, meu dólido agasalho! ...

Ai de mim sem a tua alma bondosa,
Que me dava a promessa da esperança,
Raio de luz, de amor e de bonança,
Na escuridão da vida dolorosa.

E que felicidade doce e pura,
A que senti após a treva e a morte,
Findo o terror da minha negra sorte,
Quando vi teu sorriso de ventura!

Então, senti que as Mães são mensageiras
De Maria, Mãe de anjos e de flores,
E Mãe das nossas Mães cheias de amores,
Nossas meigas e eternas companheiras! ...

Xavier; Francisco Cândido; Parnaso de Além-Túmulo - Cap. 17 - Auta de Souza; FEB.

Ciclo de Palestras Comemorativas Cinquentenário do Consolador



08/01 - Domingo - 17h

Palestrante: Eduardo Guimarães

Tema: A Espiritualidade em Nossas Vidas

09/01 - Segunda-feira - 19:30h

Palestrante: Vinícius Ribeiro

Tema: Livre

10/01 - Terça-feira - 19:30h

Palestrante: Rafael Papa

Tema: Curando as Feridas da Alma

11/11 - Quarta-feira - 19:30h

Palestrante: Eduardo Maluf

Tema: Sacrifícios e Lutas Pelo Ideal Cristão

12/01 - Quinta-feira - 19:30h

Palestrante: João Aparecido

Tema: A Revelação Divina, a Pedra Fundamental da Igreja Cristã e a Comunidade Cristã

13/01 - Sexta-Feira - 19:30h

Palestrante: Amanda Rosenhayme

Tema: Yvonne Pereira e Sua Obra

14/01 - Sábado - 17h

Palestrante: Eder Andrade

Tema: Como o Espiritismo Vê a Vida Futura

15/01 - Domingo - 17h

Palestrante: Rogério Miguez

Tema: A Superação do Homem Velho